

COSMOPOLÍTICAS DA RESISTÊNCIA ENCONTRO ENTRE A QUEDA DO CÉU E AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Charlene Ramos Aguiar
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de
Montes Claros
E-mail: charleneaguiar36@gmail.com

Geovana Rocha Silva Aguiar
Graduanda no curso de Tecnologia em Gestão Pública
pela Universidade Estadual de Montes Claros
E-mail: geovanarocha.gestao@gmail.com

Rogger Rhoan Ramos Aguiar
*Bacharel em Educação Física pela Universidade Estadual
de Montes Claros*
E-mail: roggerestudos21@gmail.com

Resumo

O texto propõe um diálogo entre a cosmologia indígena Yanomami, especialmente por meio da obra *A queda do céu*, de Davi Kopenawa, e religiões afro-brasileiras como o Candomblé e a Umbanda. Ambas as tradições partilham valores fundamentais como a centralidade da ancestralidade, a sacralidade da natureza e a reverência pelo invisível, funcionando como formas de resistência contra a colonialidade e as ameaças ambientais e ontológicas. A análise enfatiza a importância do corpo, do ritual e do território como fontes de conhecimento e espiritualidade. O terreiro e a maloca apresentam-se como espaços de sabedoria e cura. Através de uma abordagem relacional e fenomenológica, o texto reforça que estas tradições não são folclóricas ou arcaicas, mas formas vivas de ser que desafiam a lógica ocidental. Ouvi-los é essencial para repensar a humanidade e enfrentar as crises contemporâneas.

Palavras-chave: afrobrasileira, indígena, terreiro.

Abstract

The text proposes a dialogue between the Yanomami indigenous cosmology, especially through the work *The Falling Sky* by Davi Kopenawa, and Afro-Brazilian religions such as Candomblé and Umbanda. Both traditions share core values such as the centrality of ancestry, the sacredness of nature, and reverence for the invisible, functioning as forms of resistance against coloniality and both environmental and ontological threats. The analysis emphasizes the importance of the body, ritual, and territory as sources of knowledge and spirituality. The terreiro and the maloca are presented as spaces of wisdom and healing. Through a relational and phenomenological approach, the text reinforces that these traditions are not folkloric or archaic, but living ways of being that challenge Western logic. Listening to them is essential for rethinking humanity and confronting contemporary crises.

Keywords: Afro-Brazilian, Indigenous, terreiro.

Introdução: A Queda do Céu, narrado pelo Xamã Yanomami Davi Kopenawa e escrito por Bruce Albert, é um testemunho cosmopolítico poderoso, sobre o modo de vida indígena e a luta pela preservação das florestas e a cultura dos povos originários. Podemos traçar aqui um paralelo com as religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda, as quais expressam formas de resistência, espiritualidade ancestral e relação com a natureza.

Fundamentação teórica

Neste trabalho busco estabelecer um diálogo entre essas cosmovisões, destacando pontos de encontros na valorização do invisível, na centralidade ancestral e no enfrentamento à colonialidade. O encontro entre saberes indígenas e afro-brasileiros oferece um campo fértil para a reflexão sobre espiritualidade, resistência e cosmopolítica, a obra "A Queda do Céu" é mais do que um testemunho, pode ser considerado um manifesto espiritual, político e ontológico contra a destruição da floresta e o silenciamento dos povos originários. Do mesmo modo as religiões afro-brasileiras trazem consigo epistemologias do corpo, da ancestralidade e da natureza que desafiam a colonialidade do saber e do ser.

Desenvolvimento do tema:

Neste ensaio proponho uma análise comparativa entre essas tradições, enfatizando como ambas constroem modos de vida pautados no respeito ao invisível, na memória dos ancestrais e na ecologia sagrada. Na obra Kopenawa denuncia o avanço do "povo mercadoria" e a cegueira dos brancos diante ao mundo espiritual. Para os Yanomami o céu não é apenas a atmosfera, mas sim algo sustentado pelas ações equilibradas dos humanos e dos espíritos (Xapiri). *"Não quero que o pensamento dos brancos apaguem o nosso. Quero que o nosso pensamento também viva."* (KOPENAWA; ALBERT, 2010, P. 402).

Sendo assim a ameaça não apenas ambiental, mas também ontológica, se a floresta cai o céu também desaba. Essa concepção rompe com o dualismo moderno entre natureza cultura, revelando um modo de existência interconectado. Os ensinamentos de um Xamã não são palavras soltas ou alegorias, é sim ciência indígena e política espiritual. As religiões afro-brasileiras e a sacralidade da natureza também operam com a lógica não separativa entre matéria e espírito.

Os Orixás, Nkisi e Voduns são forças da natureza, entidades cósmicas que vivem nas águas, nas folhas, dentro das matas, nas pedras. As práticas nas religiões afro-brasileiras envolvem manipulação de elementos naturais "não como superstição" mas sim como força vital que circula entre seres e ambientes, estruturada em um mundo que cura, a ética e a existência dependem do equilíbrio entre os domínios de um mundo visível e invisível.

Embora Ingold não tenha estudos especificamente sobre o candomblé ou a umbanda, sua abordagem fenomenológica, ecológica e relacional, nos fornece ferramentas valiosas para entender as cosmologias e práticas dessas religiões, que veem o mundo como um lugar vibrante, vivo e interconectado, onde a espiritualidade é inseparável da experiência vivida e o ambiente.

A vida ritual nas religiões afro-brasileiras é um fluxo contínuo de iniciações, rituais, festas e relações em que o tempo e o espaço são percebidos de forma não linear, seguindo os ciclos da natureza e as ancestralidades, conexões entre pessoas, divindades e o ambiente são um emaranhado de linhas que se cruzam e se fortalecem. (INGOLD, 2011).

A ancestralidade é resistência epistemológica, assim como Kopenawa, os praticantes das religiões afro-brasileiras respeitam os ensinamentos ancestrais. Oposto à lógica colonial que considera como "atraso" as formas ocidentais do saber, os povos originários e tradicionais reafirmam a oralidade, o corpo e o rito como instrumentos legítimos de conhecimento. O terreiro e a maloca se tornam lugares de ensino, a resistência não se faz apenas pela denúncia, e sim pela permanência das práticas e pela recusa de submeter a espiritualidade à razão instrumental.

A centralidade de "habitar" e da "percepção direta" Ingold enfatiza o conceito de "habitar" como uma forma de estar no mundo em constante engajamento, como o ambiente. Nas religiões afro-brasileiras, o "terreiro" não é apenas um local

físico, mas um ambiente construído e habitado através da prática ritualística, onde a relação entre humanos, divindades e elementos naturais é vivida e reativada continuamente.

A relação com o corpo é outro ponto de convergência. No candomblé, o corpo é mediador do sagrado, ele dança, incorpora e transmite. Entre os yanomami, o corpo do pajé também é preparado para receber os Xapiri por meio de dieta, canto e isolamento. Em ambos os casos, há um trabalho espiritual sobre o corpo que desestabiliza o paradigma cartesiano de separação entre mente e matéria. A cura é integral, física, espiritual e coletiva.

Conclusões ou considerações finais:

Conclui-se que a obra "A Queda do Céu" e as religiões afro-brasileiras propõem outras formas de habitar o mundo. Suas cosmologias e práticas questionam os fundamentos do projeto moderno colonial, afirmando que há outras maneiras de conhecer, cuidar e viver. Neste ensaio procurei evidenciar que longe de serem sistemas arcaicos ou folclóricos, essas tradições representam formas vivas de pensamento e resistência. Escutá-las, no contexto crise climática e do racismo estrutural, não é apenas um gesto de tolerância, mas de reconfiguração profunda do que entendemos por humanidade, espiritualidade e futuro.

“Nós somos corpo-território, e esse território não é só chão que a gente pisa, mas o rio que corre na veia, a folha que cura, o vento que sopra a palavra do Orixá. Os Orixás, os Voduns e os Inkices, não estão lá num céu distante. Eles estão na floresta que a gente cuida, na água que a gente respeita, no fogo que a gente acende. Eles são a própria força da vida que pulsa em tudo”. (NEGO BISPO).

Referências

INGOLD, TIM. Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description. New York: Routledge. 270 pp. (Coletânea de ensaios que abordam temas como percepção, habitar, corpo e o ambiente), 2011.

KOPENAWA; DAVI; ALBERT, BRUCE. A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami. p. 402, 2010.